

COLUNA

AS PROFISSÕES E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Yuri Miguel Macedo

A História de Elbert de Oliveira Agostinho e a Gestão de Bruno Vasconcelos Moraes

Elbert de Oliveira Agostinho, negro, natural de Duque de Caxias, professor de História em Teresópolis, é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do CEFET-RJ e mestre em Relações Étnico-raciais pela mesma instituição. Colunista da revista digital HQ's com Café, Elbert é pesquisador dos grupos de pesquisa Racismo e Discurso; PRADISIS e HQ's - Ensino e Pesquisa. Com 34 anos, tem como seu maior sonho “Não perder a habilidade de sonhar”.

Bruno Vasconcelos Moraes, negro, natural de Belo Horizonte, gestor de desenvolvimento humano, é mestrando em Educação e Didática na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, atualmente é pesquisador nos temas: ergologia, trabalho, corpo-si, educação e renormalização. Também com 34 anos, Bruno sonha em “Viajar pelo mundo”.

Yuri (Revista África e Africanidades): Desde sempre sonhou com sua profissão?

Elbert: Desde o ensino médio.

Bruno: Não, mas sempre quis trabalhar com pessoas.

Yuri (Revista África e Africanidades): Conte-nos como foi a sua trajetória de vida até você chegar onde está hoje.

Elbert: Como a Jornada do Herói, atravessei uma série de obstáculos. Se agarrando a vontades e ignorando as dificuldades.

Bruno: Muito difícil, infância e adolescência no interior, com meus pais desempregados mudamos, a família toda para a capital. Consegui um trabalho, entrei na faculdade e hoje tenho uma profissão e sou mestrando na UFMG.

Yuri (Revista África e Africanidades): Qual a sua graduação e Local da Graduação? Existiam estudantes negros na sua turma?

Elbert: Licenciatura em História pela Fundação Educacional Duque de Caxias em 2007, existiam sim alunos negros na minha turma.

Bruno: Graduação em Comunicação Social na Faculdade Anhanguera em 2011, e não me recordo de ter outros alunos negros.

Yuri (Revista África e Africanidades): *Como é estar nesses espaços acadêmicos sendo negro? Sentidos, sentimento, percepções e medos.*

Elbert: Se compreender com um negro intelectual é propor rupturas, e os sentimentos que podem ser de violência (por parte de certos professores) e é um legado (por ser pioneiro na família a atingir certos espaços).

Bruno: Um sentimento de não lugar. De estranhamento, mesmo porque não temos referências nos professores.

Yuri (Revista África e Africanidades): *Houve algum problema relacionado à academia por questão racial? Se sim, qual.*

Elbert: Minha pesquisa sobre a identidade negra nas histórias em quadrinhos em alguns momentos era vista como "menor".

Bruno: Sim, tinha uma professora com comentários racistas durante as aulas.

Yuri (Revista África e Africanidades): *Estudou relações étnico-raciais durante seu curso de graduação ou pós-graduação?*

Elbert: Sim.

Bruno: Não.

Yuri (Revista África e Africanidades): *Você acha necessário disciplinas/componentes na graduação ou pós-graduação que trata das relações étnico raciais no Brasil?*

Elbert: Sim. É extremamente importante reconstruir partes invisibilizadas de nossa história.

Bruno: Sim.

Yuri (Revista África e Africanidades): *Quantos professores negros você teve na graduação? Lembra os nomes?*

Elbert: Três. Alyxandra, Aline e Sérgio.

Bruno: Um. Reynaldo.

Yuri (Revista África e Africanidades): *Já teve algum problema na sua vida profissional por sua cor? Exemplo: algumas pessoas não quiseram ser atendidos / ensinadas/ outro motivo por conta de ser negro.*

Elbert: Como minha vivência na educação é majoritariamente na Baixada Fluminense, e hoje atuo lá, não encarei tais problemas.

Bruno: Sim, processos seletivos, exclusões, comentários, etc.

Yuri (Revista África e Africanidades): *Quanto à política nacional para promoção da igualdade racial o que você acha?*

Elbert: Ainda há muito o que fazer...

Bruno: Insuficiente.

Yuri (Revista África e Africanidades): *O que pensa sobre as cotas nas universidades e institutos federais?*

Elbert: Necessárias para uma sociedade realmente igualitária.

Bruno: Muito importante e necessária. Trata-se de uma medida paliativa que não resolve integralmente o problema, mas, é um começo e um convite ao debate.

Yuri (Revista África e Africanidades): Já sofreu racismo? Se sim conta-me como foi, onde foi e sua reação.

Elbert: Sendo negro várias vezes, mas uma que lembro foi quando a atendente da livraria me indicava o livro mais barato (formato pocket), mesmo eu insistindo que desejava o outro completo.

Bruno: Sim. A minha vida é marcada por questões de discriminação racial, e começa na minha família e se estende a diversos espaços sociais.

Yuri (Revista África e Africanidades): Acredita que um projeto de educação pautado na diferença e singularidade pode reverter a situação da violência a negros, mulheres e LGBTQ+? Como você vê isso?

Elbert: Sim. Estou sempre envolvido em projetos no ambiente escolar e eles são essenciais para novos caminhos da educação.

Bruno: Sim. Conscientizar desde cedo às pessoas não as excluem da posição de privilegiados, porém contribui para um pensamento mais inclusivo.

Por meio dessas respostas nos perguntamos: Quantos Elberts e Brunos existem no Brasil?



Yuri Miguel Macedo

Professor Pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Professor no Programa de Pós-Graduação Lato Sensu Formação de Professores em Letras-Libras na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Aluno do Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia, licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Boa Esperança - FABIBE, Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira, Especialista em Educação de Jovens e Adultos, atuando principalmente nos seguintes temas: Identidade, Cultura, Classe, Gênero, Educação Inclusiva, Educação, Devoções, Transversalidade, Africanidades e Ancestralidade. Coordenador do Grupo de Pesquisa Educação Transversal (UFES), vice coordenador do Grupo de Pesquisa Erê-Ecoa (UFES) Pesquisador dos grupos: Grupo de Pesquisas em Linguagens, Poder e Contemporaneidade GELPOC (IFBA); Políticas de Inclusão e Educação para as Relações Étnico-Raciais (UFES); Invisibilidade Social e Energias Emancipatórias em Direitos Humanos (FDV) ; Espaços Deliberativos e Governança Pública (UFV/CLACSO) e Educação para as relações étnico-raciais, territorialidades e novas mídias (UFES). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e Société Internationale d'Ergologie.